

ANNO 4

SABBADO 12 DE AGOSTO DE 1871.

N. 133

VIDA FLUMINENSE

Folha Ilustrada

ESCRITÓRIO

RUA DO OUVIDOR

32-sobrado-32

CORTE

PROVÍNCIAS

Trimestre	55000
Semestre	105000
Ano	205000

55000
105000
205000

Semestre	115000
Ano	215000
Anual	135000



*Cabeça de Jano de certo frade pregador.
Tomais, fareis o que elle deu, mas não facais o que elle fará.*

A VIDA FLUMINENSE

Aos nossos assignantes.

Com o presente numero dessa folha é distribuido aos Srs. Assignantes um bonito suplemento: e no proximo sabbado, 19 do corrente, será distribuido outro, representando o monumento, que, para perpetuar a memória do grande poeta Bocage, vai erguer-se em Setúbal.

Qualquer destes suplementos será entregue conjuntamente com a folha.

Rio, 12 de Agosto de 1871.

As duas causas que andão agora mais na ordem do dia são: o ventre livre e o mandarim da décima onze classe.

Qui se ressemble s'assemble !

Estas duas causas, parece, nascerão para viverem sempre juntas, inseparáveis, consubstanciadas uma com a outra.

O miserável governo lhe vai no caminho do seu Calvario político, cansado, desgostoso, carregando nos membros essa dupla cruz.

Pobre governo!

Uma só, qualquer d'ellas que fosse, bastaria para alquebrá-lo de todo. Duas o matarão por certo!

O ventre livre continua sua revolução intestina em todo o sul do Império.

Debalde prometem os poderes do Estado curar depois com o maior desvelo da salvação de propriedade particular, tão de frente accomettida, no entender dos mais interessados, pelo projecto ora em discussão na Câmara dos Senhores Deputados.

Debalde!

Tineis Danaos et dona /erentes ! Bradão os fazendeiros.

E assim protestão, porque não confiam em promessas futuras para remediar maiores presentes.

Como homens praticos do mundo achão melhor um passaro na mão do que douros voando.

Haverá quem os accione de não terem razão?

A questão é gravíssima.

Dando de barato que o governo faça promessas agora, com a firme resolução íntima de cumprir-as religiosamente mais tarde (creio mesmo que essa resolução existe no ânimo do ministerio), nem assim podem e devem ficar tranquilhos os fazendeiros, porque não basta que o governo queira, é também misericórdia que possa.

Com essa resolução prometem-se também que hão-de ser voluntárias compensações proporcionais aos sacrifícios que hão-de fazer pela honra nacional.

Prometem-se muito, quiz se fazer alguma cousa e, no entanto, não se pôde fazer nada.

Digão lá o que quiserem: querer nem sempre é poder.

Como hão-de, então, ficar tranquilos os fazendeiros, que tem certeza que vão ser prejudicados desde já, sem certeza que serão indemnizados de futuro na razão directa do prejuízo sofrido?

A emancipação é uma necessidade nacional.

A questão está na maneira de emancipar, produzindo o menor abalo possível na sociedade brasileira.

Mas emancipar com o único intuito de chamar sobre si a glória de haver realizado esse desideratum altamente civilizador, sem as precisas contas, sem tratar simultaneamente, com o mesmo afflito, de prover à lavoura de tantos braços livres quantos braços escravos se lhe vão arrancar pela força da lei, sem facilitar aos manumitidos todos os meios possíveis para passarem, sem perigo, para a sociedade e para elles próprios, da condição servil à livre, é o que se não comprehende.

Que tem feito n'esse sentido o governo?

Como pretende chamar colonos utéis, emigrantes morganizados para substituir em breve tempo os escravos que em breve tempo devem ser alforriados?

Convém não esquecer que a libertação não vai só ferir os senhores de escravos, vai além, muito além; vai também ferir, e de morte, a lavoura, que é a maior fonte de renda nacional.

Attente-se bem n'isso!

O mandarim da décima onze classe não anda na vergonha em mar de rosas.

Além das interpellações nas duas camaras e em quasi todas as folhas diárias, que tanto sal lhe tem posto no molleiro, foi o pobre chinéz vítima de uma tremenda demonstração de apreço no dia das inaugurações das estações da Conceição e Porto Novo do Cunha.

É isso diante do Sr. Conselheiro Christiano Benedicto Ottolini!

Pobre mandarim!

Registrem as chronicas este facto bem significativo:

Desde que ha dezessete anos se iniciaram os trabalhos da estrada do D. Pedro II, foi a festa inaugural do dia 6 do corrente a primeira que não foi honrada com a Augusta Presença do Chefe da Nação.

Entretanto Sua Alteza Regente do Império tinha dito ha quinze dias que tomaria parte n'essa festa, e tanto que, por não poder dispor do dia 30 do passado em que só devia realizar as inaugurações acima mencionadas, foi ella transferida para domingo passado!

Querem maisclaro?

Não será tudo isto o resultado das veementes, porém sinceras, acusações de que tem sido alvo ha

uma semana o director da dita estrada, quer no parlamento, quer na imprensa da Corte, acusações que o público em coro repele pelas ruas?

Não foi só Sua Alteza a Senhora Princesa Regente, não!

Até o Ministerio, o proprio Ministerio esquivou-se da industria de participar da lugubre festa.

Apenas o Sr. Conselheiro Theodoro compareceu..., porque, como Ministro da Agricultura, não podia deixar de comparecer!

É as pessoas que, por concerte especial do Sr. Director, se apresentarão à hora aprazada na estação da Corte e tiverem a imprudência de meterem-se em carros de terceira classe como sardinhas em tijela!

Oh, essas passarão vinte horas, entaladas dentro de imunhos wagons, sem comer nem beber,... nem o mais que todos tem diariamente de fazer por força!

E enquanto seus convidados eram assim tratados como os Versalheus tratarão os mais faquinudos comunistas de Paris, o Sr. Director, repotreado em uma macia almofada, rodeado por meia duzia de afeiçoados, seguia caminho de Porto Novo, onde o esperava um opíparo banquete!

Como se animou a convidar tantas pessoas de consideração, tendo antecipado certeza de que não as podia accommodar senão em carros de gente descalça?

Para ser coerente deve o Sr. Director defender-se d'esta, como se defendeu da outra acusação, dizendo que ASSINOU SEM LER OS CONVITES.

Decididamente: *quos vult perdere Jupiter demens!*

A do C.

Antonio Xavier Leite,

O retrato estampado na quarto pagina do nosso semanário é do homem, que, embora não ocupasse posição notável na sociedade, soube plus suas virtudes torná-la credor da estima geral.

O trabalho assiduo, a moralidade levada ao extremo, a probidade a toda a prova, e o cavalheirismo desinteressado—eis as qualidades que todos lho reconheciam.

Não foi possível obtermos dados muito amplos acerca da biografia do Antonio Xavier Leite: relatarmos porém sucintamente o que nos foi dito por alguns amigos, que durante muitos annos viram sempre n'ele um modelo digno de ser imitado por quantos se entregam à vida do commercio.

Antonio Xavier Leite, nascido no Minho, veio para o Brasil em tempos idpô. Aqui chegado, entrou como caixote para a societadessa comumercial dos Srs. J. M. Monteiro & C^o, onde no espaço de dezoito annos se conduziu de sorte a merecer a estima dos patrões e a amizade dos companheiros.

Reconhecendo aquelles as optimas qualidades do seu emprego distinguiram-no sempre, confiando n'ele como em si mesmos, e concedendo-lhe, em 1870, interesse nos lucros da casa.

Acometido por cruel enfermidade porante a qual foram inuteis os recursos da scioncia medica, Antonio Xavier Leite deu a alma ao criador offi pelos fins do mez passado, deixando inconsolaveis seus patrões, amigos, e companheiros de trabalho.

Quinhos de perto haviam apreciado as optimas qualidades do finado approssaram-se em prestar-lhe os homens, a que elle tinha direito. E prova exabberante disso é que o enterro, acompanhado por mais de cento carros, dentes que que se via a flor da nossa classe comumercial. Palcos, guarda-livros, caixeiros, a quem havia chegado a notícia de infarto passavam, correram a honrar a morte quem tanto havia honrado em vida a classe a que todos pertencem.

Assumo de varias còres

O "Barbeiro de Sevilla" — Modo porque é interpretado actualmente pela compagnia do Théatre D. Pedro II. — O concerto d'emulação, dado pelas discípulas do Sr. Ricardo Farreira de Carvalho. — Duas estrelas no lyrico. — Apreciação o resultado da operação, tentada pelo Sr. Arnaud, extra-muros. — Novidades musicais publicadas pelo Sr. Canongia. — Pietro Ferranti.

O segredo das operas buffas, na rigorosa acepção da palavra, pertence exclusivamente aos italiani. O proprio Mozart, quando se meteu a escrever "Les noces de Figaro," se fez um trabalho perante o qual ainda hoje todos se curvam, não conseguindo imprimi-lhe essa veia comicá, esse colorido brilhante e facetado ao mesmo tempo, de que tantas provas se encontram nas operas de Fioravanti e Ricci, e no imorreduro Barbeiro, de Rossini.

Efectivamente o "Cyne de Pesaro," como lhe chamam alguns criticos, traçando em phrasas musicais o espirituoso poema de Beaumarchais, marcou os limites do gênero buffa e disse a todos os compostores do seu tempo: Chegai até aqui, se fordes capazes, porque não podereis ir além!

A parte illustrada das melhores sociedades, os grandes mestros, os criticos e encantadores e as próprias multidões, reconheceram por tal forma esta verdade, que, para modelo do gênero faceto, apresenta-se ainda hoje o "Barbeiro de Sevilla" como trabalho monumental, capaz de resistir aos caprichos do tempo, do gosto e da moda.

Afin de variar o seu escaldido repertorio e satisfaçer os desejos de muitos frequentadores do D. Pedro II apresentou-nos a empreza, que tomou a si a direcção daquelle theatro, uma exhibição da opera do Rossini que satisfez plenamente quanto a elha assistiram.

Foi acertada a distribuição das partes, e dizer que os artistas porfiram em zelo e em repulsa o que andava na boca de todos na noite de sel haddo passado.

Para mostrar-nos a facilidade com que passa do canto dramático ao ligeiro, enegrçou-se a Sra. Pasi de cantar a parte da facina Rosina, (on cuja boca poz o maestro volutas diabolicas) com a maestria precisa & vocalização rossiniana. No gesto e no jogo phision-



Se conseguis correr a serpente mais venenosa, ainda ca
lcam umas. Iduas pôrva me atormentarem.





É mancepaciação do elemento servil.
 O Tempo, o legislador infallível, beada é a tempestade é este o
 levar-nos por entre perigosos escotches; horre, se houver prudencia
 e formosidá, a tempestade seguir-se ha a bonança, circun's de' rax e
 prosperidade para todos.

mico também conseguiu a festejada *prima-donna* traduzir com muita felicidade as diversas situações do seu papel.

Quem vê Ordinas no guardião da *Força do Destino* ou no Silva do *Ervani* dificilmente acredita que ello possa transformar-se no *Bazilio* de Beaumarchais. Entretanto era voz geral que, exceção feita de Bouché, não conhecia o nosso público artista que mais lhe agradasse na personificação de tipo tão caricato.

Pois justificou a reputação do excelente cómico adquirida na *Força do Destino*. Sem prorromper em excessos impardonáveis, faz rir a tirar e tira o melhor partido das cenas em que o cíumento D. Bartolomeu toma parte.

Correram para o bom êxito da opera os esforços do barytone Mazzoni, que deu satisfatória conta do seu recado, e o modo conscientioso porque o Sr. Balayni se houve nas diversas transições de um papel erigido de dificuldades.

Não passarei adiante sem conceder à Sra. Gori menção honrosa pelo óptimo desempenho do seu, embora pequena, mas importante parte.

Na noite de 6 do corrente, as discipulas do distinto pianista, o Sr. Ricardo Ferreira de Carvalho, deram um concerto d'emulação na grande sala do «Club Mozart». Todas as peças do programa foram perfeitamente executadas, despertando bem agradáveis sensações no grande numero de senhoras e cavaleiros, que tiveram a ventura de assistir à brilhante festa.

O sacerdote musical de 6 é o mais fiel atestado da aptidão e proficiencia do Sr. Ricardo na difícil tarefa da maisterio.

Oxalá se reproduzam estas reuniões, que servem não só para promover emulação entre os discipulos e estimular entre os mestres, como também para desenvolver entre nós o gosto musical e mostrar o desvelo com que os pais olham pela esmerada educação dos filhos.

A justa influencia artística que gozam, no mundo elegante do Rio de Janeiro, as duas estrelas ultimamente contractadas pelo Sr. Arnould, e o desejo de ver reproduzidos em scena mais vasta os espetáculos com que a direcção do teatro francez tem sabido, de há tempos a este parte, conquistar as sympathias dos seus *habitues* em particular, e do publico em geral, levaram, segunda-feira passada, ao *theatre lyrique* centenares de espectadores, que n'um volver d'olhos encheram a mais não poder os camarotes das tres ordens, os lugares da platea e os bancos da galeria.

A's 7 1/2 da noite considerava-se feliz quem podia obter uma cadeira para sentar-se!

O espetáculo, escolhido a dedo para pôr em relevo as qualidades artísticas de M^{rs}. Arnould e de M^{rs}. Irma-Mariô, compunha-se da *Filha do Regimento* — opera que, depois do *Elixir d'Amor*, foi, é, e será sempre a melhor de Donizetti, no gênero semi-serio, e da *Chanson de Fortunio*, partitura d'Offenbach escrita de propósito para servir de moldura ao romance *Si vous*

croyez, composição destinada primitivamente aos salões parisienses, e mais tarde trazida para a scena em consequência da voga quo os salões lhe haviam dado.

M^{rs}. Arnould, na execução da parte cantante, mostrou que, conhecendo de porto os grandes theatros, melhor efeito produz a sua voz vibrante e homogênea em salas da primeira ordem, do que em recintos de menores dimensões.

Após M^{rs}. Charlton para quem, ha dezenois annos, a *Filha do Regimento* era o florão mais saliente da sua corda d'artista, não me consta de cantora que tenha interpretado, tanto ao sabor das nossas platéas, os diversos trechos da opera de Donizetti.

Em relação ao passoal, que circundava a *dieu alacardina*, são dignos de louvor os esforços do barytone Martineau — que encarregando-se de uma parte escrita para *tenor* — fôra por isso dos recursos do seu órgão, conseguiu cantá-la de sorte a não desmanchar o efeito geral da opera — a maneira porque Dubois deu conta do seu papel, procurando torná-lo cómico, sem cair nas exagerações que o bom senso reprova, e o relevo que Roger soube dar ao carácter do velho Sulpicio, cantando muito regularmente o dueto do 1.^o acto, e conservando, no correr da peça, a propriedade do gesto reclamada pelas diversas situações do poema.

Tratando da *Chanson de Fortunio* é inútil dizer que foi M^{rs}. Irma-Mariô o alvo de todas as atenções.

No seu gênero venceu ella todas as *estrelas* que a precederam até hoje, não só pelos conhecimentos profissionaes da arte do canto, como pela correção e propriedade do gesto.

Ainda n'esta opera nos apresentou Roger um *Fortunio* excelente, e conseguiu M^{rs}. Aimée agradar, graças a boa vontade que pareceu animal-a, e à consciencia do seu canto, que, seja dito sem malicia, nem sempre é das mais conscientiosas.

Os coros e a orchestra foram consideravelmente reforçados, e a segunda, sobretudo, provou a apidão do mestre Gravenstein pelo brio com que executou a música de ambos os *partituras*.

O scenario... esse é que não pôde ser reforçado... porque de ha muito se acha... exausto de forças.

O Sr. Ganongia, regente da orchestra de Phenix e proprietário do establecimento musical, é rua do Ouvidor n. 111, publicou uma POLKA — extraída do festejado *Trufo ás aressas* — da França Junior — e uma quadrilha sobre motivos da mesma opera.

Qualquer desses trabalhos é devido ao talentoso mestre Mesquita, author da musica que faz actualmente as delicias dos frequentadores da sala da rua d'Ajuda.

Pietro Ferranti, antes de deixar definitivamente o Rio de Janeiro, dará algumas representações no theatre — D. Pedro II.

Vai ensaiar-se o *D. Pasquale*, confiando-se ao distincente cantor à parte do protagonista.

Depois do *Elixir* não sei da opera, davida ao férundo talento de Donizetti, que possa hombrear com o

D. Pasquale. E' linda a musica, burlescas as situações e espirituoso o peena. Além disso é *spartito* que oferece, desde a primeira até à ultima scena, ensojo para se aprecarem as eminentes qualidades artísticas do cantor-comico, a quem o publico desta corte deu outr'ora tão bellas noutes.

A. DE A.

Philomela.

(Continuação).

XXVII.

« Não sabes, que aqui onde me echo, assustado dos meus, soin ver nenhuma das pessoas que mo rodeavão nos dias vouturosos, tortugado pela mais viva saudade, ha uma ideia om que meu espírito compraz-se em descançar ?

E a lembrança de que és tu, que sorves de ora em diante de mãe a Martha, e que velas sempre pela educação e pelo futuro de minha filha !

Em ti a pobresinha encontrará lenitivo contra a orphandade.

Soi que os teus hão de tambem esforçar-se por fazel-a feliz.

Oh ! Deus os bendiga, pelo bem quo a ella fizere.

Aguardo com anciadão o retrato que te mandei pedir.

Não deixes de enviar-m' o dóni a maior brevidade.

Estou tratando de reunir minha família !

Triste e amarga sôrte !

Adeus ; até sempre . . .

ESTEVÃO DE LARA.

XXVIII.

Ao terminar a leitura d'esta carta, a moça deteve-se.

Restava-lhe apenas uma para ler.

Este éra de todas a mais volumosa, a cõr viva da tinta denunciava a sua data recente.

Vinha encerrada em um involucro largo, que em vez de ser graduado com gomma arabic, parecia havel-o sido com obreia preta, pois uma nodosa escura e redonda deixava-se claramente perceber no lugar onde a parte superior da sobre-carta deve adhuir à inferior.

Martha parecia querer coordenar as ideias, tão subitamente transformadas pelas revelações, que acabavão de lhe ser feitas !

Elle deixou pender a cabeça sobre a mão, e com os olhos fitos nas folhas de papel que tinha desdobradas e arrumadas, umas sobre outras, diante de si, submergiu-se em profunda meditação.

Os pensamentos que lhe fervêram na mente, e os aportos dolorosos, que sofreu aquele coração, ninguém os pôde avaliar, sem os haver experimentado a menos uma vez na vida.

Por algum tempo conservou-se ella absorta e imóvel; os olhos, porém, sorriu-lhe a pouco e pouco

humedecendo-se, as lagrimas não tardaram em correr rápidas e frequentes pelo semblante pallido da moça, um soluço entumeceu-lhe o peito e veio expirar nos lábios, outros muitos seguirão-se; ella guardava sempre a mesma posição, e tinha os olhos cheios de pranto sempre fitos nas cartas.

Uma hora foi passada n' aquelles prantos e n' aquelles soluços tão doridos !

Entretanto a porta do quarto abriu-se lentamente, e uma senhora trajada de luto penetrou no aposento.

A moça conservou-se imóvel, parecendo não haver percebido, que alguém entrara no seu quarto.

A senhora de luto deteve-se a pouca distância da secretaria, sobre a qual Martha apoiava o entovelo, e mecou a contemplar a moça com olhar de indiscutível ternura enquanto as lagrimas corriam-lhe tambem pelo rosto.

O seu coração de mulher comprehenderão toda a agonia que ia pela alma da moça, e ella teve medo d' aquella dor !

A desesperação, que assim se retrai ao amago da alma, é mil vezes mais digna do compaixão, do quo a que se expande francamente.

Esta prostra o pédo produzir a loucura; aquella poucas vezes deixa de matar !

A dor profunda, como a extraordinaria alegria, não pode ser discreta.

Ambas precisão d' um confidente, quo as presenceie, que as comprehendâ, e ainda mais, que mostre partilhá-as !

E' a ordem natural.

Quando a taga está por demais cheia, é preciso dividir com outras o seu conteúdo, senão esto se extraviará !

E o extravagazamento da dor, ou da alegria é a morte !

DIBIMO JUNIOR.

(Continua).

BUSTO DE THEOPHILÓ OTTONI

Acha-se exposto, á Rua do Ouvidor n.º 70 loja do GRÃO TURCO, um busto primorosamente acabado do Ilustre Mineiro.

E proprio para dignamente decorar recintos de sociedades patrióticas, literarias ou benficiencias etc., etc.

Trata-se da venda, na mesma casa.

EDUARDO PONS, artista de canto da companhia lyrica italiana, propôs-se a dar lições de canto, e flauta, e sua senhora M^a. E'lettra S. de Pons, propôs-se a ensinar piano.

As pessoas, quo desejarem utilizar-se do seu proximo, podem dirigir-se á rua da Guarda Velha n.º 27.

Typ. de CARLOS F. MUELLER, rua da Ajudan. 16.



Antonio Xavier Leite
(Mito o teatro)